

## **À comunidade da U. Porto, em geral, e da FADEUP, em particular**

No dia 25 de abril completo 70 anos. Ou seja, ao fim de 52 anos de serviço público, 40 dos quais de dedicação exclusiva (de jure e de facto) à Universidade do Porto, chega o momento de cessar a carreira académica oficial, por imposição da lei.

Esta é, pois, uma hora de balanço, sobretudo em relação ao trajeto recente. Como se sabe, a U. Porto, na última dezena de anos, foi pletórica de agitações e desafios. Jamais me escondi por detrás de dissimulações ou tergiversações; intervim e tomei posições, muitas vezes pouco agradáveis, não por feitio ou amor à contestação. Ao invés, há uma ponderosa justificação: somos mortais e, portanto, obrigados a fazer escolhas que confirmam relevo à existência. Não nos podemos dar ao luxo de brincar e ocupar com ninharias, mas com assuntos significativos para a nossa vida.

No exercício da docência e das funções dirigentes, procurei cultivar a liberdade, fiel à ideia de Universidade das pessoas, em vez de organização estatística e numérica, e aberta e plural, em vez de centralista, controladora e unívoca.

Cometi excessos? Certamente. Hoje como então, as entidades e individualidades, das quais divergi, não me suscitam nenhuma acrimónia. Cada um assumiu atitudes ditadas pela sua consciência acordada. Compete aos outros avaliá-las e julgá-las.

A liberdade, sendo ontológica, é inegociável. Somente prestamos para ser livres; não temos outra valia. Isto obriga-nos a ser baldios, a expor à luz do dia e ao juízo crítico o que nos habita por dentro; a fugir do rebanho a sete-pés, afirmando publicamente a razão, no sentido advogado por Kant.

Ao mandamento da liberdade junto o medo, decorrente do testemunho de Dante Alighieri, o autor de *A Divina Comédia*: “A justiça divina pesa em balanças diferentes os pecados dos homens dissimulados e os dos sinceros (...) Os lugares mais tenebrosos do Inferno estão reservados àqueles que mantêm a neutralidade em tempos de crise moral.” A meu ver, entre estes surgem, à cabeça, os universitários refastelados na dormência, cumplicidade ou omissão.

Assustado, busquei inspiração em Agostinho da Silva, o Heráclito lusitano: “Os povos serão cultos na medida em que entre eles crescer o número dos que (...) se mantêm sempre vigilantes em defesa dos oprimidos, não porque tenham este ou aquele credo político, mas por isso mesmo, porque são oprimidos e neles se quebram as leis da Humanidade e da razão; dos que se levantam, sinceros e



corajosos, ante as ordens injustas, não também porque saem de um dos campos em luta, mas por serem injustas; dos que acima de tudo defendem o direito de pensar e de ser digno.”

Foi nesta conformidade que enfrentei a voracidade *'reformista'*, e me alistei nas fileiras apostadas em *preservar o sólido – obstar a liquefação*. Estribado na lucidez de análise de Zygmunt Bauman, refundi convicções e teci propósitos semelhantes a uma bússola de orientação no mar alteroso, que me vi forçado a cruzar. Não estive só.

Aqui e agora, expresso superior reconhecimento ao Conselho de Representantes e ao seu Presidente, aos colegas que compartilharam os Conselhos Diretivo e Executivo e aos Diretores de Serviços, pela indefetível solidariedade na defesa da idiosincrasia da nossa Escola, única no contexto nacional e internacional, tanto na visão epistemológica como na coerência de concretização do seu objeto.

Profundamente grato, volto-me para os servidores da Faculdade, para os dirigentes, os docentes e os funcionários de todas as unidades da U. Porto que, numa conjuntura de desconsiderações, de sobrecarga de trabalho, de reduções no vencimento, de entraves à merecida progressão nas suas carreiras, resistiram a agravos e apoucamentos, vestiram e vestem a camisa da instituição de uma maneira irrepreensível.

Gratidão igualmente para os atuais e antigos estudantes da FADEUP e para a sua Associação, pelo ambiente de carinho e o sadio relacionamento com que me envolveram.

Gratidão e homenagem aos companheiros da caminhada, aos aposentados e falecidos, pela incedível entrega à edificação e causa institucional. Recordo-os com saudade!

Tenho um imenso orgulho em pertencer a uma grande Universidade, como é a nossa, dotada de Professores ilustres, Funcionários dedicados e Estudantes devotados. Peço a todos que não esmoreçam na generosidade para com a *Alma Mater*. Confio que assim farão e manterão acesa a chama da confiança. Sim, a U. Porto deve encarar, com urgência, a necessidade de restaurar a confiabilidade e confiança, tão abaladas pela perversão *'managerialista'*. A academia foi ofendida pela introdução de órgãos e instrumentos de governação, organização e controle, atentatórios da sua autonomia, dignidade e identidade. Carece de se erguer e repor a autoestima e honorabilidade sem mácula.

Bem sei que, doravante, o destino da Universidade não é conta do meu rosário de responsabilidades. Mas diz-me respeito, porquanto ela é e será minha preocupação e paixão imorredora; estarei ao seu lado até ao fim.

U.



Trago nos olhos, na boca e nas mãos, no ver, dizer e escrever o apego às fragas do nascimento. Sossego-me no encontro da inquietude constante com a luz minguante.

O mundo contemporâneo, comparado com o do passado, é comumente descrito como um paraíso. Porém, o olhar da translucidez verifica que ele é um alfobre de problemas, encastelados no céu como as nuvens prenunciadoras de inclemente trovoadas. Desta feita, Santa Bárbara não descerá do altar em nosso auxílio! O cansaço e a exaustão ameaçam rebentar o dique que os sustém. Na Universidade passa-se o mesmo.

Num tempo do primado da coruscação e hiperatividade, da aceleração e positividade, da competitividade e superficialidade, a Universidade requer a moderação e quietude próprias do Outono, que Nietzsche designava “mais uma estação da alma do que da natureza”. Precisa de ser mais ‘contemplativa’ e menos ‘ativa’, de conjugar a sua alma, missão e natureza, e de trazer de volta a serenidade contra o espalhafato. Para que as suas funções se abracem na harmonia. Faz-lhe bem sentir um frio e uma penumbra suficientes para arrefecer as certezas e inquietar-se com as dúvidas; e um calor e luz bastantes para se aquecer e não se perder nos descaminhos e desatinos.

Agradecido e comovido, despeço-me de todos os integrantes da U. Porto, nossa casa comum, com estes versos de Pablo Neruda:

*Aqui hoje terminam estas viagens  
nas quais me acompanhastes  
através da noite e do dia  
e do mar e do homem.  
De tudo quanto vos disse  
vale muito mais a vida.*

Bem hajam, em todo o tempo e lugar! Até sempre!

Porto, 12 de abril de 2016

(Jorge Olímpio Bento)